

O silêncio da historiografia

Paulo da Silva Prado (1869-1943) é dono de obra pequena, no entanto, incisiva e seminal. Composta por apenas dois livros, *Paulística* (1924) e *Retrato do Brasil* (1928) – o primeiro dedicado a uma história de São Paulo e o segundo a uma síntese da formação nacional – sua obra parece ter sido praticamente esquecida, eclipsada pelos polemistas do modernismo ou pelos ensaios da década de 30. A crítica literária e historiográfica impôs um retumbante silêncio à contribuição intelectual de Paulo Prado, ignorando sua originalidade e sua importância como elo entre diferentes gerações.

A obra do ensaísta paulista representa um significativo ponto de inflexão entre a Geração de 1870 e os modernistas, uma fronteira fundamental para o pensamento social brasileiro. Sua importância estende-se até as décadas posteriores, no entanto, sempre de forma marginal e tímida. Talvez seja correto dizer, que os equívocos interpretativos que cercaram seu *Retrato do Brasil* dificultaram sua permanência como nome de destaque no quadro da renovação e contestação do arcaísmo nacional. Dessa maneira, o presente trabalho constitui um esforço no sentido de resgatar a produção intelectual de Paulo Prado, mas especificamente de seu *Retrato do Brasil*, por meio de uma leitura perspectivada que valorize, sobretudo, sua autêntica síntese da formação psicológica e social brasileira, sua singular forma de expor as mazelas nacionais.

A idéia de obra inaugural e motivadora de outros ensaios é fundamental para re-valorização do trabalho de Paulo Prado. Seu *Retrato do Brasil* figurou como uma dos primeiros ensaios psicológicos da nação e constitui uma referência importante para o desenvolvimento do pensamento social brasileiro, estabelece um diálogo interessante com antigas e novas tradições¹. Porém, o que interessa chamar a atenção é para sua capacidade de continuar dizendo; sua juventude e fortuna crítica permanecem desafiando aqueles que se debruçam sobre seu retrato. Como bem definiu Italo Calvino, “um clássico é o livro que nunca terminou de

¹ LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**: história de uma ideologia. 6ª ed. rev. – São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 345.

dizer aquilo que tinha para dizer”², ou seja, o clássico parece gozar de uma permanente juventude, parece nunca esgotar suas proposições; deve ser lido e relido como quem desvela camadas. O *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira* parece revestir-se desse predicado, mostra-se como um livro que propicia múltiplas visões da história nacional, um texto que estimula e inspira novos trabalhos que por sua vez re-inventam a imagem da formação brasileira. Múltiplas imagens da história pátria são sugeridas a partir da leitura do ensaio. Dessa maneira, sua contribuição extrapola o modernismo e tem seus ecos ouvidos ainda hoje, sua contribuição interpretativa híbrida e fronteira, invade campos distintos como a literatura, a sociologia e a história, mantendo-se como referência indispensável para aqueles que se dedicam ao estudo do pensamento social brasileiro.

Apontada a percepção de *Retrato do Brasil* como obra clássica e seminal, é importante indicar a estrutura expositiva do presente trabalho. Num primeiro momento, como forma de preparar a entrada dos argumentos que compõe o ensaio, faz-se necessário aproximar Paulo Prado do diálogo modernista desenvolvido durante a década de 20. Nosso autor não era jovem, nem poeta, nem pintor, muito menos um polemista, mas, no entanto, havia despertado um vigoroso espírito nacionalista em sua reflexão e em seus escritos. Expressava por meio de artigos, e também de seu ensaio, o ressentimento e a insatisfação por conta do atraso brasileiro. A constatação crítica do arcaísmo nacional, uma espécie de anacronismo diante do quadro das grandes nações, emerge como ponto de contato com os ideais dos jovens modernistas. Assim, até mesmo as questões estéticas apresentam-se sempre subordinadas, em Paulo Prado, ao sentimento nacionalista, a um ideal de modernização, ao âmbito da ação em defesa de uma máquina pública eficiente e capaz de estimular o progresso do país.

Desse modo, o discurso nacionalista, além de permitir uma aproximação inapelável com os modernistas, implica, no caso de Paulo Prado, em uma referência à significativa influência da geração de 1870: o fio condutor para a compreensão dessa relação é o nacionalismo. No entanto, vale apontar que não é uma meta para o presente trabalho reconstituir o diálogo de Paulo Prado com figuras isoladas dessa geração de intelectuais, mas sim ressaltar um ponto que

² CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 11.

permitisse costurar tal relação. Ao olhar para trás e perceber motivações e epígrafes importantes para a reflexão de Paulo Prado, é reconhecido o caráter fronteiriço e instigante de sua obra. Seu pensamento deixa entrever a tensão entre tradição e modernização, entre traços característicos do passado e imagens do futuro. A obra do autor de *Paulística* delinea um instigante entre-lugar, dividido entre a geração de fins do Império e a sedição dos jovens modernistas de São Paulo.

O *Retrato do Brasil*, dessa maneira, é composto através de múltiplas referências: o ensaísta consegue unir traços de uma perspectiva biológica da formação nacional, com a filosofia das senzalas; uma visão luxuriosa da natureza, orientada pelas denúncias jesuíticas com um quadro impressionista; a crítica aguda a uma jovem e ainda incipiente República com a definição de um novo e profícuo método de percepção da nacionalidade, a saber, o ensaio de cunho psicológico. Por toda essa miscelânea de referências, o retrato torna-se rico e intrigante. Dependendo de sua posição perante a imagem, da perspectiva na qual encara o ensaio, a imagem ganha contornos específicos. Na medida em que se multiplicam os olhares e as luzes incididas sobre o ensaio, multiplicam-se as imagens.

Ultrapassando as questões conjunturais e atendo-me aos argumentos propostos por Paulo Prado, objetivei demonstrar que a pintura de um quadro negativo do Brasil – que expõe, sobretudo, os vícios e o desregramento da formação nacional, que aponta para os malefícios da luxúria, da cobiça, do romantismo e conseqüentemente de uma melancolia brasileira –, não deve ser compreendida como mera manifestação de um suposto ceticismo, posto que a visão crítica do passado definiu-se como passo indispensável rumo à superação.

No segundo capítulo, como forma de ressaltar a dimensão moderna da reflexão de Paulo Prado e identificá-lo como intelectual ciente do valor das vanguardas européias, busca-se reconstruir parte da troca intelectual que estabeleceu com o poeta francês Blaise Cendrars. Acentuando, através de tal influência recíproca, o caráter inovador de suas propostas e pode-se dizer seu cosmopolitismo que acaba por desautorizar a percepção de certo bovarismo paulista. Após estabelecer contato com as vanguardas, debruço-me na maneira escolhida pelo autor para expor sua insatisfação com o país e sua inquietação por uma urgente mudança: o ensaio impressionista. A opção de Paulo Prado por tal

definição não de ser subestimada na análise de sua obra, visto que demonstra sua particular maneira de lidar com a história nacional, buscando antes uma manifestação essencial da brasilidade que um discorrer rígido e pouco relevante dos fatos históricos que marcaram o passado do país.

No terceiro capítulo, objetivo demonstrar que o cerne do presente trabalho não foi analisar detidamente todos os argumentos expostos por Paulo Prado ao longo de sua reflexão sobre a formação nacional, mas sim a partir da constatação de uma imagem-síntese do país buscar estabelecer pontos de contato com a geração que lhe é contemporânea e analisar sua radical proposta de superação das mazelas nacionais, um salto abrupto em sua reflexão que acaba situando o ensaísta para além do modernismo. Apresenta uma solução original e catastrófica: Guerra ou revolução. Todos os pontos desenvolvidos neste trabalho apontam indiretamente para tal imagem peculiar do país. Toda reflexão, aqui esboçada, tem como constante referência a imagem proposta por Paulo Prado, ou seja, gira, sobretudo, em torno das ruínas nacionais e de um pessimismo realista e crítico que permeia tal constatação.

Desse modo, enfeixando toda a argumentação proposta ao longo do trabalho, busco no *Post-Scriptum* de Paulo Prado, um olhar arguto e peculiar que valoriza uma autenticidade do indivíduo diante do devir humano. Busca-se uma análise que reconheça a genialidade nietzschiana na ação proposta pelo ensaísta, uma originalidade empreendida pela busca do eu, que se dá através de um olhar para si, de uma orientada produção da diferença. Essa autenticidade que se manifesta principalmente em seu *Post-Scriptum* impõe-se como marca importante de um clássico. Uma obra de gênio que marca gerações e inspira novos olhares sobre aquilo que foi exposto. Uma obra seminal, posto que original.